

TRIBUNA Livre

4
JUNHO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Foi, sem dúvida, por esta ordem lógica dos mais puros sentimentos e ideais, no ritmo cadenciado da marcha dos acontecimentos que se sucederam de reinado para reinado, e na continuidade da dinastia; pela conquista de repetidos triunfos, e todos se conciliaram para o mesmo efeito, que os Portugueses ao fim e ao cabo haviam de sulcar «os mares nunca dantes navegados.»

Definidas as fronteiras do Reino, D. Dinis foi o soberano providencial, inteligente e justo. Poupano os Templários ao extermínio, metamorfoseou-os na futura Cavalaria do mar. Contratou almirantes, acordando numa Raça tão sedentária e apegada à terra de seus antepassados o sonho das aventuras e realizações marítimas. Criou os Estudos Gerais em que a ciência náutica havia de ocupar lugar de preponderância. A par da cultura, fomentou a

riqueza rural, indispensável garantia de provisões e mantimentos. Lançou à terra, até então estéril e desprezada, as sementes que haviam de transformar-se nas florestas dos mastros das naus dos Descobrimentos.

Os seus sucessores reforçaram todas estas medidas. D. Fernando empenhou-se já no desenvolvimento comercial e marítimo. Uma Série de trabalhos, de canseiras, de lutas pela glória e pela grandeza, que umas gerações confiaram a outras, não sem que outro encadeamento de paixões e interesses menos lídimos por vezes tentasse entrar o passo, diminuir as energias. E tem que se admitir, como natural, que os povos, como os indivíduos, cansam. A dinastia estava exausta.

Nota-se em D. Pedro uma fuga instintiva das ancestralidades que a definhavam — a repulsa por consortes enfermiças que as razões de Estado

teimavam impôr-lhe. Em D. Fernando não menos. Surtiram seus efeitos estas evasivas. Mais uma vez, e com uma eloquência nunca excedida, o dedo da Providência riscou traços direitos por linhas travessas, quando os superiores destinos da Raça vieram arrancar a força da alma da Grei, onde ela estava mais robustecida que nunca.

E o próprio mestre da Ordem de Cristo, que estão era

Continua na 4.ª página)

A CASA DA JUSTIÇA

NÃO HÁ IMPOSSÍVEIS

Dizíamos, no último número, que o entusiasmo pela iniciativa era de tal monta que mais difícil se nos afigurava dominá-lo do que deixá-lo atingir o objectivo. E repetimo-lo.

A ideia é já um sentimento unânime a que somente falta dar direcção responsável atendendo a que começa a ter-se como certa a reunião dos meios indispensáveis. Enquanto

se não efectua uma reunião magna que indique quem deve dirigir, entendemos dever continuar a orientar desta forma o movimento desejando que nas nossas colunas comecem a aparecer os donativos dos que podem e querem para que o caminho se encurte.

Portanto, e para já, vá cada um pensando definitivamente na sua contribuição na certeza de que ela tem de ser generosa e franca pois que estamos perante uma obra de grande vulto e que só é possível sendo querida de todos, ajudada por todos, sem diferenças de actuação ou entusiasmo. Não há paternidades doentias mas somente a vontade geral de uma terra que de há muito sabe o que quer.

Estas colunas estão abertas para expressar todas as opiniões, mesmo as divergentes, se porventura alguma podem aparecer. Para já assiste-nos o dever de dar amplitude ao franco aco-

Juramento de Bandeira dos novos Legionários

Abaixo publicamos, na íntegra, o discurso proferido no Sameiro, no domingo último a-quando do juramento de Bandeira de 600 novos legionários do Comando Distrital de Braga, pelo dr. António José da Costa, comandante de Lança.

Legionários:—Vejo-vos, de mão estendida sobre a Bandeira, venerando da Pátria e jurando defendê-la.

Diante dos olhos, o estandarte drapejante comumente

chamado símbolo da Pátria. Mais que símbolo, porém, ele é para nós uma expressão viva, uma realidade válida por si.

A *esperança* e o *vigor vicejante da terra*, de um lado; o *amor* e o *sangue* ardente de heróis e mártires do outro; uma e outra realidade abstracto e meio ambiente do universalismo português integrado de navegações, descobertas, acção missionária, ciência, doutrina, armas vitoriosas,

Continua na 5.ª página

Continua na 3.ª página

O MAGNO PROBLEMA

da Electrificação de Bouro

Graças aos esforços e à competência dos homens em cujos ombros pesa a administração do concelho, que tomaram possível a resolução dum problema tão importante, que para nós, Bourenses, parecia irremediável e que constituía, desde há muito, a mais alta aspiração do nosso povo. Felizmente que tudo se encaminhou pelo melhor e cremos que, dentro em breve, vamos gosar o almejado e benéfico melhoramento da electricidade. É certo que para tal é necessário o auxílio de todos os Bourenses, com o que ninguém poderá discordar, visto que todos conhecem as dificuldades financeiras do município e que, a aguardar-se as possibilidades deste, podemos sujeitar-nos a um atraso de alguns anos, o que para nós só seria desvantagem.

Bouro, não pode nem ficar de braços cruzados, perante a sugestão do Ex.mo Presidente da Câmara. É preciso encarar o problema tal qual as circunstâncias o exigem diligências, imediatamente,

para a sua resolução, visto que só de nós depende. A energia é, onde quer que chegue uma verdadeira fonte de progresso, e a falta de desenvolvimento a que estamos submetidos, é consequente da falta de electricidade. Sim; porque se há 15 ou 20 anos ela tivesse chegado até nós, como, altáz, nos foi prometido, não teríamos, hoje, a lamentar a falta dos nossos melhores homens, que não encontrando aqui colaboração que lhe garanta a subsistência, ausentam-se para o Estrangeiro, regressando quando — talvez — a sua avançada idade já nada lhe permite fazer em benefício do progresso do torrão, que muito desejariam desenvolvido.

A palavra é nossa; desperdiçar esta excelente oportunidade seria mais um grave erro, a juntar a tantos outros que se têm cometido.

Por certo que os nossos vindouros, não deixarão de revêr a nossa história, página a página, e nela encontrarão as

Continua na 3.ª página

Vão iniciar-se as Festas

A SANTO ANTÓNIO e do CONCELHO

cartaz berrante e atraente, cheio de movimento e entusiasmo.

E já no próximo sábado, dia 11, tal como o programa geral refere, que se iniciam as tradicionais e conhecidas Festas a Santo António e do Concelho, cartaz que dignifica e propala a nossa terra.

Movimento, cor, luz, animação a jorros, vividos por milhares de forasteiros que de toda a parte nos visitam, nos apreciam a terra e as suas coisas e nos oferecem o seu entusiasmo. Ornamentações, certames, diverções, todo o conjunto de actividades que distraem e divertem, que prendem e seduzem.

Além dos números para o

público anónimo concertos e diverções para os assisten-



tes escolhidos, variedade para todos os gostos e paladares

desde os carroceis, aviões e carrinhos até aos certames musicais pelos melhores conjuntos, Festa da Rádio com os melhores artistas da Rádio e Televisão, pugnas desportivas de ciclismo e futebol, feira, concursos, arraiais e foguetes.

O Largo e as ruas tornam-se pequenas, os mais devotos, muitos milhares, sobem à vistosa Igreja, ricamente iluminada, e visitam o patrono das Festas divisando o panorama sem igual. Os mais investigadores a visitarem as nossas recordações do passa-

Continua na 4.ª página

TRIBUNA AGRÍCOLA

PRÉMIOS PARA

A IMPRENSA REGIONAL

O Secretariado Nacional da Informação interpretando os votos formulados na I Reunião da Imprensa Regional (Continente e Ilhas Adjacentes), institui para este sector da Imprensa dos territórios portugueses europeus os seguintes prémios:

A — Prémio «António Enes (Anual)» — com a colaboração da Agência Geral do Ultramar — destina-se ao jornalista da Imprensa Regional, dos territórios portugueses europeus, que melhor trate, no decurso do ano, numa série de pelo menos seis artigos, os problemas ultramarinos.

B — Prémio «Augusto Ferreira Gomes» — (Semestral) — para o Jornal que revele maior espírito de iniciativa, melhor visão jornalística e melhor aspecto gráfico.

C — Prémio «Melhor Colaboração» — a atribuir de quatro em quatro meses ao autor do melhor artigo de interesse regional publicado na Imprensa Regional.

Os referidos Prémios, a instituir a partir de 1 de Junho de 1960, subordinar-se-ão aos seguintes Regulamentos:

A — Prémio António Enes

Regulamento

Art.º 1.º — O Prémio «António Enes», a atribuir anualmente, destina-se a galardoar o autor da melhor série de pelo menos 6 artigos que versem um tema sobre o Ultramar Português, insertos na Imprensa Regional, e constará de uma viagem e estadia de um mês numa das províncias ultramarinas.

Art.º 2.º — Os concorrentes entregarão na sede do S. N. I., dirigido a «Prémio António Enes», seis exemplares dos jornais que tenham publicado os trabalhos que submetem à apreciação do Júri, até ao dia 28 do mês de Fevereiro do ano seguinte àquele a que respeita o concurso.

§ 1.º — A decisão será tornada pública no dia 10 de Junho de cada ano.

Art.º 3.º — O Júri será constituído por cinco personalidades de reconhecido mérito, servindo de secretário, sem direito a voto, o Chefe da Repartição da Informação do S. N. I. O Secretário Nacional da Informação presidirá às reuniões do Júri, em direito a voto.

B — Prémio «Augusto Ferreira Gomes»

Regulamento

Art.º 1.º — É atribuído semestralmente o Prémio «Augusto Ferreira Gomes» ao Jornal que revele maior espírito de iniciativa, melhor visão jornalística e melhor aspecto gráfico, constando de uma bolsa para estágio de dois meses, da pessoa que o director do jornal julge mais indicada, na Redacção de um dos jornais diários de Lisboa ou Porto.

Art.º 2.º — Os concorrentes farão a entrega na sede do S. N. I., dirigido ao Prémio «Augusto Ferreira Gomes», de seis exemplares de uma edição demonstrativa dos aperfeiçoamentos, para submeter à apreciação do Júri.

§ 1.º — Os prazos de entrega dos originais serão os seguintes: até 5 de Janeiro e até 5 de Julho.

§ 2.º — Os Serviços de Informação e Imprensa do S. N. I., darão por sua vez parecer sobre a evolução que tem caracterizado cada um dos jornais concorrentes.

§ 3.º — A decisão do júri será tornada pública um mês depois de terminar o prazo da entrega dos trabalhos.

Art.º 3.º — O Júri será constituído por cinco personalidades de reconhecido mérito. O Chefe da Repartição da Informação presidirá às reuniões do júri sem direito a voto.

C — Prémio «Melhor Colaboração»

Regulamento

Art.º 1.º — O Prémio «Melhor Colaboração», no valor de 1.500\$00, é atribuído de quatro em quatro meses ao autor do melhor artigo de interesse regional publicado na Imprensa Regional.

Art.º 2.º — Os concorrentes entregarão na sede do S. N. I. dirigido ao Prémio «Melhor Colaboração — Imprensa Regional», seis exemplares do jornal que tenha publicado o artigo que submetem à apreciação do Júri.

§ 1.º — Os prazos de entrega dos originais serão os seguintes: até 5 de Maio e até 5 de Setembro.

§ 2.º — A decisão será tornada pública um mês depois de terminar o prazo da entrega dos trabalhos.

Art.º 3.º — O Júri será constituído por cinco membros. O Chefe da Repartição da Informação do S. N. I., presidirá, sem direito a voto.

Considerações

sobre a adubação foliar

A necessidade de alimentar uma população sempre crescente, leva os investigadores agrónomos a procurar novos métodos culturais tendentes a aumentar as produções agrícolas.

Dentre as novidades de carácter técnico-agrícola que vão surgindo, há umas que na prática mostram ter o maior interesse, adquirindo notável expansão, outras têm valor apenas em certas e determinadas condições e final-

mente chegam também até nós aquelas que, por falta de sentido prático ou por outra razão, não passam do campo da teoria.

Ultimamente em revistas agrícolas estrangeiras, têm aparecido com frequência, referências à adubação foliar.

A adubação foliar baseia-se no facto há muito conhecido de que não são apenas as raízes, os órgãos das plantas capazes de observar os elementos nutritivos necessários

ao seu desenvolvimento; também as partes verdes, muito especialmente as folhas, através da cutícula e não dos estomas como a princípio se julgou, estão aptas a assimilar os nutrientes em solução.

Se as condições forem favoráveis os elementos fertilizantes depositados sobre as folhas atingem rapidamente os tecidos internos.

Para certos autores a adubação foliar é uma prática de grande interesse; para outros nunca virá a expandir-se e, finalmente para os mais moderados ela é considerada como um método que normalmente não substituirá os processos clássicos de adubação, mas poderá vantajosamente completá-los.

Pensamos que estes últimos autores estão dentro da razão.

A adubação foliar tem indiscutivelmente os seus inconvenientes:

1) Salvo casos de excepção, são normalmente baixas as concentrações das soluções fertilizantes usadas na adubação foliar, de modo a evitarem-se queimaduras nas folhas e assim, as quantidades de adubo que económica e normalmente se podem aplicar, utilizando aquele método, são reduzidas.

2) Embora se possam adicionar às caldas fertilizantes, produtos tendentes a aumentar a sua aderência às folhas, uma parte da solução empregada escorre para o chão o que, se não representa prejuízo, desvirtua o método.

Apesar destes inconvenientes parece-nos que a adubação foliar, embora tenha um limitado campo de aplicação, é uma prática de interesse quando a considerarmos um processo complementar da adubação clássica, e:

— A) seja aplicada no período de actividade, conjuntamente com fungicidas, insecticidas e herbicidas, nas culturas que normalmente necessitam destes tratamentos;

— B) se aplique em culturas feitas em terrenos que pela sua natureza ou situação não aconselham os processos clássicos, de adubação;

— C) se pretende obter efeitos muito rápidos com adubações fosfatadas e potássicas.

D) — se aplique na correção de deficiências de microelementos.

AGENDA DO LAVRADOR

Nos Campos

— É o mês das ceifas. Preparam-se as eiras, de terra molhada e calcada a pé de gado miúdo, pois as de pedra só servem para a debulha a mangual. A carreira ou salmeja do cereal deve ser feita de madrugada até ao almoço, para que as espigas se não soltem dos colmos. Fazer sachas nas culturas e nas terras baixas semear milhos de regado, a que pode ser associado feijão frade. Fim das ceifas, proceder às surribas de Verão, que tornam as terras leves, arejadas e ricas. Regar arrozais, campos de milho e prados artificiais, utilizando para estes últimos de preferência o chorume diluído.

Nos Pomares

— Continuar os tratamentos fungicidas e insecticidas, por meio de pulverizadores com caldas férricas (10 quilos de sulfato de ferro em 100 litros de água). Regar, as que se acharem fracas, com adubos líquidos. Defender as fruteiras das formigas, utilizando simples cintas embebidas em sublimado corrosivo. Colher os frutos da estação.

Nas Vinhas

— Continuar os tratamentos às videiras com calda bordaleza e enxofre, pondo nestes trabalhos a maior atenção. Não se tendo executado a sacha no mês anterior, executá-la agora. Vigiar os enxertos, arrancando os rebentos dos cavalos e desbarbando os garfos.

Nas Hortas

— Semear acelgas, agriões, alfaces, azedas, beldroegas, bróculos, cenouras, chicórias, couves, erva-cidreira, feijões, funcho, mostarda, nabos serôdios, rabanetes temporãos,

repolhos, salsa e tomilho. Regar os alfobres e plantações com chorume diluído. Sachar frequentemente, e regar sobretudo se correr tempo seco. Capar melões, tomates, pepinos e abóboras. Cobrir os morangais com palha para defesa do fruto. Libertar as plantas das pragas vegetais e animais.

Nos Jardins

— Passar os vasos de plantas de terra preta, como são as camélias, para lugar sombrio e húmido. Começar a plantação de flores nas caixas. Fazer alporques de craveiros, e eliminar-lhes os botões defeituosos, para assim se obterem flores mais perfeitas. Levantar da terra, expondo-as alguns dias ao ar livre antes de as recolher, as cebolas dos gladiolos, tulipas e semelhantes. Podem ainda semear-se ásteres, begónias sempre em flor, calceolárias, campânulas, convólculos, cosmos, espargos, gipsófilas, goivos, e miosótis.

Na Capoeira

— A escolha das raças depende do fim a que se destinam as galinhas. As «Minorcas» são boas para pôr, e as «Rhode Island Red» são preferíveis para carne. A nossa galinha saloia, sendo bem seleccionada, não é para desprezar, pois apresenta boa corpulência e é razoável poedeira.

Nas Adegas

— Não deve o lavrador descuidar o conserto das suas vasilhas de adega, reservando-se para as proximidades da vindima, quando os tanoeiros estão muito ocupados. Os arcos das vasilhas, além de grossos e de bom ferro, devem ser pintados a óleo de dois em dois anos.

TRIBUNA do CONCELHO

A CASA DA JUSTIÇA

Não há Impossíveis

(Continuação da 1.ª página)

limento que a iniciativa mereceu em geral, iniciativa que não é nossa nem distintamente de ninguém, pois tem tantos anos de vida e veu já em seu tempo desaparecer muitos dos seus mais denodados defensores.

Esperamos, pois, que os que já pensaram decididamente na sua contribuição nos transmitam o seu valor e entretanto daremos à publicidade extratos de uma carta recebida do sr. dr. Tomé Gonçalves, nosso estimado conterrâneo e amigo.

Cobrança em dez mensalidades

Depois de se referir à iniciativa com o maior entusiasmo e de lhe oferecer os seus préstimos e a sua ajuda, o sr. dr. Tomé Gonçalves lembra a vantagem que adviria em cobrar os donativos em 10 mensalidades o que tornaria o pagamento mais suave e por isso a vontade de dar maior, sem prejuízo para a rea-

lização, pois a construção durará aquele tempo ou mais podendo começar-se a cobrança no mês do início e assim consecutivamente até terminarem as mensalidades.

Achamos a ideia magnífica e de aproveitar e podemos mesmo dizer que se pode considerar aproveitada. O comércio local será o principal contribuinte e certamente que esta modalidade lhe dará mais alento.

O sr. dr. fala-nos ainda da contribuição dos ausentes e da necessidade de constituir comissões amplas, dizendo que em devido tempo dará a sua ajuda monetária.

Sabemos de quem em determinada partilha tinham já rateado uma quantia para o efeito, sabemos de famílias que já assentaram no quantitativo a dar, mesmo de funcionários que já garantiram a sua dádiva.

Esperamos poder em breve dizer mais, muito mais, na sequência dum movimento que não para

De Visita

Tivemos o prazer de receber na nossa redacção o nosso dedicado assinante Snr. Augusto de Almeida, residente em Lisboa, pagando-nos a sua assinatura.

«Tribuna Livre» agradece e deseja-lhe muitas felicidades em sua visita ao Minho.

Vida elegante

Aniversários

Passa amanhã o aniversário natalício o sr. José Eduardo Macedo Gonçalves, proprietário da alfaiataria *Belcorte*, nesta Vila.

* * *

Passa no dia 9 do corrente o aniversário natalício do menino Acácio dos Santos Maia, de Goães.

Muitas felicidades e uma longa vida lhes deseja «Tribuna Livre»

Motivo de Satisfação

Soubemos em satisfação que, nos últimos concursos de habilitação para 2.º oficiais da Direcção Geral de Administração Política e Civil, do Ministério do Interior, o nosso conterrâneo e amigo Senhor Albino José Antunes de Araújo, havia obtido alta classificação.

Ao Albino Araújo, com aquela sinceridade que também nos conhece, endereçamos os nossos parabéns e desejos sinceros de mais ainda

* * *

Não existe no nosso concelho, presentemente, um camião de carga, de aluguer, cujo raio de acção ultrapasse os 30 K.

Porque tal situação prejudica e muito o comércio local, obriga-o sempre que deseja adquirir mercadorias, sobretudo na cidade do Porto, a alugar carros de fora do concelho. Chama-se a atenção de quem de direito para a resolução deste problema, que se nos afigura justo concedendo uma licença para este concelho com um raio de acção superior ao referido.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

A. Fernandes

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Antes de mais quero, meu bom amigo, rectificar a notícia dada há pouco sobre o

Acidente mortal

Disse-te que o pequeno, morto pelo carro da laranja, no lugar da Veiga, foi apanhado quando atravessava a estrada, fugindo de trás de

um carro de passageiros, em cuja escada se teria pendurado. Assim me tinham informado. Posteriormente informaram-me que o carro de passageiros já tinha saído e que o rapaz foi colhido junto da berma do lado direito, tendo o laranjeiro afirmado que não viu o rapaz e apenas sentiu o choque. Não te posso dizer qual das versões é a verdadeira porque não vi os factos com os meus olhos.

Padre, filho de um Chanceler

Reuni-me, há semanas, com alguns cavalheiros muito ilustres.

Além da «Ordem do Dia» falamos de muitas coisas entre as quais figurou o sacerdote de um dos filhos do Dr. Adenauer. Um dos interlocutores afirmou que o Rev. do Padre Adenauer é

Continua na 4.ª página

SALVÉ O DIA 9-6-60

Passa no dia 9 do corrente o aniversário natalício, o Snr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, digno membro da Di-



recção de «Os Leões D'Modelar»

Por tão faustosa data os empregados gráficos de «A Modelar» desejam-lhe uma vida cheia de felicidades.

HUMORISMO

Ainda fica

Uma senhora de génio pôs na rua o jardineiro de sua casa.

Ao sair encontrou-se com o marido.

—Ai senhor, se soubesse quanto me compadeço de si.

—De mim! Porquê?

—Porque o senhor ainda fica.

Elísio Martins Rebelo

Encontra-se entre nós este nosso estimado assinante, juntamente com sua esposa senhora D. Albertina Martins Rebelo e filhinhos José Albino e José Manuel, que de Moçambique vieram de visita a seus familiares.

Felicitemos estes nossos conterrâneos e desejamos que gozem muito em ambiente cheio de felicidade.

Inauguração dum novo Patronato

No dia 26 deste mês, realizou-se na freguesia de S. S. Sacramento na cidade do Porto a inauguração do novo patronato, inauguração essa a que vão assistir grandes individualidades.

O Magno Problema da Electrificação de Bouro

Continuação da 1.ª página

piores recordações. Juntar-lhe mais esta, será, portanto, desnecessário.

«Ombros á cruz»; dispondo de algum sacrifício e um pouco de boa vontade, facilmente venceremos o obstáculo e poderemos alimentar a certeza de que, ainda no corrente ano, festejamos a inauguração deste melhoramento.

Bem sabemos que a freguesia tem muitos problemas a resolver, mas este tem prioridade sobre qualquer outro, e preterito seria uma falta imprezoável. Para este ponto, responde a Junta de freguesia.

Quanto ao auxílio particular, efectivamente que se torna indispensável, mas como o benefício é para nós cremos que todos vão colaborar. Julgar que o município é o mais beneficiado com a electrificação de Bouro, só um alucinante, porque, em boa verdade, se-

remos os primeiros a usufruir benefícios quando electrificada a freguesia. O que atrás ficou dito, chega para afirmar estas palavras.

No momento em que escrevemos, ignoramos se está ou não formada a comissão que há de proceder à angariação da receita particular. Da formação desta, depende o êxito.

Entretanto, fica já aqui um apêlo aos Bourenses ausentes, certos que compreenderão a importância da sua ajuda, para este precioso passo em frente. A terra saberá agradecer todos os seus esforços.

Para os Ex. mos Senhores Presidente, vice-presidente e vereadores do nosso município, já que as nossas possibilidades não permitem mais, um sincero muito obrigado, e ao dispor de V. as Ex. cias todos os préstimos dos Bourenses que se prezam de ser bons.

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Continuação da 1.ª página)

D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade Sotomaior, tomou então o filho de Teresa Lourenço nos braços e transportando com ele a Chamusca ao encontro do pai e rei «Justiciero» propõe-lhe, na vagatura por morte de D. Martim de Avelar, aquela tenra criança para Mestre da Ordem de Avis, em que ia radicar-se a gloriosa dinastia dos Descobrimentos.

D. Pedro acolheu o filho com mostras de ternura. Armou-o cavaleiro. Deitou-lhe a sua bênção paternal e, entre laivos de energia e alucinação, proferiu sobre ele os seus vaticínios.

Entretanto, avolumaram-se os conhecidos acontecimentos do interregno; e D. João de Castela, julgando, por uma situação criada, ser o momento propício para espreiar para este lado as suas ambições, executa os seus planos.

* * *

Sim, Esse cruento repêlo que os Portugueses receberam em Aljubarrota, inconsequente atitude de ingratidão pelo auxílio e benefícios que a seus antepassados haviam prodigalizado os aventureiros lusitanos desde as ásperas escaladas pelos alcantis da Serra Morena até ao travar da sangrenta batalha de Navas de Tolosa; no cerco e conquista de Sevilha que, ao lado de Paio Peres Correia, os mais ousados cavaleiros transpuseram as fronteiras para alinhar sob a bandeira de Fernando III e, com provanças, da melhor boa fé e aliança na Santa Causa da libertação da Espanha, se desentranharam em actos de heroísmo contra o inimigo comum; de mais perto, que dos prelúdios aflitivos do Salado, ainda poderiam ouvir-se as vozes de socorro que Afonso XI dirigiu a seu escandalizado sogro pela própria esposa, a tão desdenhada rainha Maria que

«Diante do pai ledo que a agasalha Estas palavras tais chorando espalha:

Quantos povos a terra produziu De África toda, gente fera e extranha, O grão rei de Marrocos conduziu, Para vir possuir a nobre Espanha. Poder tamanho junto não se viu, Depois que o salso mar a terra banha. Trazem ferocidade e furor tanto Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquele que me deste por marido Por defender sua terra amedrontada, C'o pequeno poder oferecido Ao duro golpe está da moura espada; E se não for contigo socorrido, Ver-me ás dele e do Reino ser privada. Viuva e triste, e posta em vida escura, Sem marido, sem reino e sem ventura.

Portanto, oh Rei, de quem com puro medo A cor-

rente moluca se congela; Rompe toda a tardança; acode, cede A miseranda gente de Castela.

Se esse gesto que mostras claro e ledo De pai o verdadeiro amor assela, Acode e corre, pai, que, se não cores, Pode ser que não aches quem socorres.»

Foi por este episódio, de maravilhosa concepção poética, que o imortal cantor dos máximos expoentes da Raça lusitana pôs em relevo a situação política da Espanha (1340) a pouco mais de meio século dos empreendimentos marítimos dos Portugueses; e, ao tempo que eles se iniciavam, governavam ainda em parte dela os mouros forros de Granada.

No entanto, D. João I de Castela, onde os laços do sangue e da religião deviam ser os mais fortes motivos da grata coexistência pacífica de um reino vizinho e cristão, não hesitou em sacrificá-lo ao inimigo que tinha portas a dentro. Amargo erro da imprudência, que Deus, põe a vitória onde vê a justiça!

Quiseram os Castelhanos aproveitar o que julgaram ser a maré baixa ao longo deste longo litoral tão cobiçado, mas naufragaram nos escolhos de Aljubarrota. Cada um tinha de inclinar-se para seu lado, como estava prescrito pelas determinantes geográficas e pelas directrizes da História que se bifurcava desde os mais altos pendores das montanhas do noroeste peninsular.

Quem se tinha desembarcado dos estorvos da mourama, precipitando-se resolutamente sobre ela, e sem nunca pactuar, lá das alturas e confins da Galiza até ao reino do Algarve, é que tinha de avançar pelo caminho dos mundos ignorados.

Aljubarrota foi a última batalha travada entre a terra e o mar. Sagres, o trampolim da Europa desde sempre predisposto para que continuasse na sua carreira e vocação a Lusa Gente!

Aos Bourenses de toda a parte

(Continuação da 2.ª página)

apelo é feito a todos e não esqueçais o vosso auxílio para este grande melhoramento que a todos nós beneficia!

As ofertas dos ausentes de Bouro poderão ser enviadas para a casa Almeida Silva Bouro o que serão logo a seguir anunciadas através deste mesmo jornal.

Em todas estas três freguesias já foram organizadas Comissões para recolher donativos para tal fim.

A Comissão em Bouro organizada pela Junta de freguesia é constituída pelas seguintes pessoas:

Dr. João Batista Fernandes,

LAGO

Continuação da 3.ª página

frade. Eu disse que não é; mas o outro ficou na dêle... e pronto!

Resolvi falar-te deste incidente, entre amigos, sem quebra da velha amizade que nos une, para desfazer um engano e apresentar-te um belo exemplo de catolicismo integral numa família ilustre.

O Pe. Paulo Adenauer não foi nem é frade. É um sacerdote do clero diocesano da arquidiocese de Colónia, em cujo seminário estudou, e o recebeu o sacramento da Ordem das mãos do Cardeal Frings, em 2-2-1951. Por decisão deste prelado foi parouar em Porz, centro fortemente industrializado e socialista. Neste meio Paulo Adenauer reconheceu a conveniência de completar a sua formação, laureando-se no Instituto de Ciências Sociais de Munster, com a devida autorização do seu Prelado, o cardeal Frings.

A Rádio Renascença anunciou há dias que o Santo Padre nomeou o Pe. Paulo Adenauer seu Camareiro secreto com o título de Monsenhor. Grande no corpo, visto ter mais de dois metros de altura Deus o faça também grande nas obras, como o pai, e não seja apenas um enorme filho de um grande pai como irónicamente costuma dizer na conversa entre amigos...

O pai do Pe. Adenauer é, como sabes, o chefe do Governo alemão, desde os fins da última guerra. Foi casado duas vezes e nasceram-lhe oito filhos, estando ainda sete vivos; e dos filhos casados tem já 18 netos.

A primeira esposa morreu de doença normal. A segunda morreu esmagada pelos maus tratos que a Gestapo (polícia de Hitler) infligiu ao marido. Ele agora com mais 80 anos, é grande exemplo para os pais de família como te mostrarei brevemente.

Dispõe do teu amigo J. Moreira.

Lago, 1 de Junho de 1960

Festas de Santo António e do Concelho

Continuação da 1.ª página

do e valores do presente: Vasconcelos, Mosteiros de Rendufe, Bouro, Abadia, Caldelas, Ponte do Porto, Tapada, Castro etc.

São isto as Festas: vida e movimento, cartaz de uma terra e prova da sua vitalidade e pujança.

Programa geral

Dia 11—Ao romper da aurora salva de 21 tiros e toques festivos dos sinos da vila anunciarão o começo das **Grandiosas e Tradicionais Festas a Santo António**.

A's 8 horas—Entrada dos **Gigantones, Cabeçudos e Zés Pereiras** que percorrerão as principais ruas da vila.

A's 10 horas—Início da **Grande Feira Franca de Santo António e Concurso Pecuário** para gado bovino, suíno e cavalari, com valiosos prémios. Concurso, entre chameadeiras de gado que se apresentarem em traje regional.

A' Noite—Primeiro **Arraial Nocturno** e imponente **Festa da Rádio** (ver programa especial).

A's 24 horas—**Monumental Serenata de Fogo Preso** por um afamado pirotécnico do Norte do País **Primeira Sessão de Fogo de Artifício, Grande Arraial Minhoto** com a colaboração de Artistas da Rádio e t. v.

Dia 12—**A's 10 horas Prova de ciclismo para «POPULARES»**, em circuito no total de 80 Quilómetros.

Distribuição de valiosas taças

e prémios aos vencedores.

A's 14 horas—Entrada das **Afamadas Bandas de Freixo do e Marcial Visconde Salre (Aveiro)**.

A's 15 horas—Encontro de futebol entre duas equipas de grande categoria.

Durante a tarde certames musicais entre as duas afamadas bandas, que se prolongarão até à 1 hora da madrugada.

Segunda e monumental sessão de fogo de artifício. **Grande Arraial Minhoto**.

Dia 13—**A's 10 horas Missa Cantada a Grande Instrumental** acompanhada por uma afamada Banda de Música que dará concertos até às 20 horas.

A's 17 horas—Terço e pangegráfico do glorioso Santo com a assistência das entidades oficiais.

A's 18 horas—**Magestosa procissão** com incorporação de centenas de anjinhos, coros de Virgens, andores primorosamente preparados e muitas figuras alegóricas, na qual se dignam tomar parte as autoridades religiosas e civis do concelho.

A's 20 horas—Entrada dos **Ranchos Folclóricos** que se exibirão até à madrugada.

Com uma grande e artística sessão de fogo de artifício e as tradicionais fogueiras serão encerrados os festejos em honra de **SANTO ANTÓNIO**.

Terceiro e último Arraial Minhoto com a colaboração dos **Ranchos Folclóricos (Infância e Adultos de S. Martinho de Gandra)**.

VENDE-SE

Propriedades Rústicas e Urbanas, sendo parte destas na Avenida de CALDELAS.

Informa esta Redacção.

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa coleção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem.

N.B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 60

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Quis a Natureza, cheia de maravilhosos mistérios e acidentes, que a terra se não interrompesse de todo para melhor conciliar, neste caso, os interesses morais e materiais de seus habitantes, quando um dia se vissem ligados pelas mesmas coordenadas aspirações de unidade e força, como adiante se verá.

Passamos agora às três freguesias da margem direita do Homem, com esta Cibões e Gondoriz, mas, por condescendência, o rio some-se uns 600 passos por baixo das pedras e só por ocasião de grandes cheias as cobre, no sítio que por isso mesmo se denomina *Pontido* ou *Rio Seco*.

A montante deste sorvedouro natural, onde sai a levada para o lugar de Infesta, da freg. de Carvalheira, outro pequeno pontido, onde consta terem perecido afogados, em fins do século passado, dois viúvos velhotes do lugar de Ervedeiros.

Parece que por esse tempo não havia ainda por estes sítios desabridos estradas nem caminhos de carro de bois; os transportes eram feitos às costas dos habitantes ou em bestas de carga, sistema bem generalizado por estas alturas, mesmo para líquidos, vinho e azeite, que se transportavam em odres, as peles das cabras com o pelo voltado para dentro.

Um pouco acima do Pontido precipita-se em magesta cascata no Homem o rio do Espírito Santo que nasce no Chão da Fonte, um dos mais elevados píncaros do Gerês, formando a medonha catadupa do *poço da Moura* a que andam ligadas histórias de mouras encantadas.

No alto da Serra Amarela existiu um fojo para dar caça aos lobos. A montaria fazia-se todos os sábados da quaresma e eram obrigados a concorrer os povos de Brufe, Cibões, Ermida, Germil, Lindoso, Loure e Vilarinho da Furna.

A propósito desta *fera* que por aqui teve o seu melhor habitat, G. Pereira, no seu pequeno tratado de toponímia, informa que o nome desta freguesia provém do genitivo germânico *Berulfi* que diz significar *lobo*.

Não. *Berulfo*, como *Ataulfo*, *Merulfo*, etc. foram nomes de pessoa; melhor, de *lobishomem*, como vai ver-se através de curiosas coincidências.

Brufe foi a séde do antigo e minúsculo concelho extinto de *Vilar Garcia*, como no princípio deste vol. se tratou.

Pertenceu aos *Abreus* e, ao passar e penetrar neste velho senhorio extranho, manda a cortesia que se proceda a apresentações. Antes, porém, de entrar com o trato da linhagem dos antigos ricos-homens deste título, alguns aspectos da sua notável fisionomia.

Participando eficazmente nos acontecimentos da fundação da Nacionalidade, que o progenitor desta família foi o industrioso chefe dos Portugueses que se bateram com os Lioneses no célebre torneio de Val-de-Vez, local que do feito ficou designado por *Veiga da Matança*; preparou ao inimigo umas armadilhas ou grades muito bem disfarçadas com terra e verdura, como se armasse e cavasse os fojos dos lobos.

Por isto, a um ramo desta família ficou o apelido de *Abreus da Grade* e foram senhores da torre e casa da Grade, com seu primeiro assento em S. Pedro de Merufe do termo de Monção.

Não se alongaram para o sul os seus descendentes, atrás das novas conquistas, como aconteceu com o mais geral da nobreza do tempo. Pelo contrário, e certamente porque conveio aos superiores interesses da defesa das fronteiras ao longo das terras que por mercê de acções guerreiras ficaram sob o seu domínio; sustentaram-se antes pelas fortalezas do Alto-Minho—Barbeita, Lapela, Lindoso, Monção, praças e alcaidarias que longo tempo se conservaram na sua descendência; a defender a mesma posição estratégica que em seu sector coube e tal qual a que respeitava às briosas populações de Entre-Homem e Cávado em relação ao seu Castelo de Bouró!

Desceram depois por Nóbrega até Regalados de que sucessivamente se tornaram senhores. E é, traduzindo esta característica familiar e especial circunstância, que Sá de Miranda na «carta» a seu irmão Mem de Sá, governador do Rio, lhe da conta:

«quando me acolhi ao monte,
por meus vizinhos defronte
vi lobos no povoado.

(Continua no próximo número)

Juramento de Bandeira dos novos Legionários

(Continuação da 1.ª página)

civilização—sim, tudo isto é para nós mais que um símbolo. É uma realidade viva.

É o sentido expressivo duma existência, a iluminação de um ideal, a expressão de perenidade duma Raça. Tudo isto é para nós a razão de ser do nosso esforço, da nossa luta diária, do nosso sacrifício e abnegação. É por esta realidade que somos e queremos ser disciplinados e obdientes, que ceramos fileiras, que pegamos em armas, que sacrificamos diariamente muito do nosso ser e da nossa existência.

É por esta realidade viva que estamos dispostos a oferecer generosamente a vida, se tanto se impuser.

A Bandeira que temos diante dos olhos é para nós a Pátria viva e a Pátria é tudo isso.

Haverá, porém, razão para estarmos em cuidados?

Legionários: Camaradas de ideal—Enche-se-nos a alma e somos pequenos para conter o júbilo que nos invade quando pensamos que as famílias portuguesas representadas pelo cantão verde da nossa Bandeira trabalham e regem de suor as searas e courelas que já eram dos avós e dos pais e têm a certeza de que a terra que foi sua e os alimentou, há-de ser regada pelo suor dos filhos e netos e também para estes se desentranhará em frutos.

Isso enche-nos de Júbilo. Mas mais de um terço da população do globo, muitos desses seres vivendo no lendário extremo oriente onde os nossos missionários levaram a cruz e os gerreiros a espada, vivem em rebanho, em levas, despojados das herdades e dos torrões que bem queriam continuar a chamar seus. São milhões de seres humanos que em vez do lar, da malga de sôpa, do pão e do vinho de casal, comem do caldeirão, vivem em rebanho, e não vêem na terra organizada em empresa mais do que o lugar onde se angaria o magro salário do dia.

Legionários; Camaradas de ideal e de luta—Toda a nossa alma rejúbila quando pensamos e vemos que os nossos filhos crescem e se formam em liberdade, aprendendo na Igreja e na Escola os mesmos princípios e a doutrina que era a de nossos e é nossa. Alegramo-nos ao ver que nós e nossos filhos podemos rezar ao Deus dos nossos avós sem que isso nos seja proibido.

Mas são milhões, são mais de um terço da população do Globo, os que vivem oprimidos espiritualmente, os que não podem escolher livremente os princípios e a moral a seguir. Ali se ensina que a Pátria e a Religião são *alienações* da pessoa humana, que não há

nenhum Deus acima do homem, que a única realidade na vida é a economia. Até mesmo em terras onde missionários portugueses ensinaram o «Pai Nosso», a doutrina que manda perdoar as ofensas, a moral iluminada pela lei que Cristo chamou o *Mandamento Novo*, até ai se organiza e empreende luta de morte a tudo quanto defendemos.

Legionários: Camaradas de ideal: A coberto daquela Esfera e daquele Escudo para que estendeis a mão, puderam os nossos avós fundar e desenvolver toda uma ciência de navegação, de conquista pelas armas, de acção civilizadora, de doutrinação. E tudo fizeram, aumentando o património da humanidade e elevando o homem, mas respeitando fronteiras, leis, pátrias alheias, costumes locais e liberdade.

Hoje, frente a nós, frente a toda a Ocidente, levanta-se uma outra esfera armilar, uma outra exploração científica, uma outra acção de conquista, de doutrinação, de avassalamento. Também os serventuários e prosélitos dessa outra esfera ultrapassam as suas fronteiras, desenvolvem acção avassaladora. Já vão montados em foguetões especiais, já anexaram povos, organizaram exércitos, formaram elites, criaram universidades, infiltraram-se em toda a parte.

Mas a sua expansão não é possível sem aniquilar as Pátrias, sem exterminar as famílias, sem relegar Deus, sem destruir as liberdades, sem exigir o total sacrifício da pessoa humana.

Pior que tudo, os prosélitos dessa esfera e bandeira inimiga, passando além das fronteiras dos territórios anexados militarmente, infiltraram-se em toda a parte, introduziram-se

de cada Nação, na mais activa e pertinaz luta que a história já registou.

Há-os em toda a parte. Temo-los, activos e organizados, na terra portuguesa, no continente e no ultramar.

Legionários: — Companheiros de luta: Estendeis a mão para a Bandeira e jurais defender a Pátria.

Em verdade, nunca o nosso ideal—Deus, Pátria e Família—mais que agora exigiu o nosso esforço, a nossa decisão, o nosso combate permanente, o nosso *álerta* constante.

O nosso soldado do exército também jura bandeira. Jura defender a Pátria e também para ele a Pátria é a mesma realidade.

Para o legionário, porém, é tudo isso e é mais uma coisa. É um baluarte da luta contra o comunismo.

O legionário é por essência e objectivo específico um anti-comunista, um lutador contra o marxismo, um soldado sempre de armas em punho contra a acção subversiva do inimigo.

Vamos daqui, deste juramento, retemperados e mais decididos para essa luta.

Não somos inconscientes e por isso temos a certeza que o inimigo está entre nós.

Não somos visionários idealistas, e por isso sabemos que a luta contra o comunismo é, para nós, luta contra os comunistas, os comunistas que vivem entre nós, os comunistas que todos os dias encontramos na rua, no trabalho e até na Escola, quem sabe se na Igreja.

Legionários: Como os antigos portugueses numa mão a cruz noutra a espingarda, vamos para a frente, por Deus, pela Pátria e pela Família.

SONHO ETERNO

Ó iris dum jardim imaginário
Ó róseo botão d' alva 'abrir em flor
Ó astro cintilante dum amor
Que é meu, e por ser meu é meu calvário!

Ó céu da minha vida, ó sol fulgente,
Ó lírio imaculado, ó toda Alvural
Ó ninfa, ó fada, ó 'strela que fulgura
No céu dum coração eternamente!

Eu quero ser da flor o prisioneiro!
Sorver dessa corola virginal
O amor, o puro amor que me inspirou!
Ser da gentil barquinha o timoneiro;
Fazê-la entrar um dia, triunfal,
No porto que o meu sonho idealizou!

Gota d'Orvalho.

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Aos Assinantes de Caniçada — TRIBUNA DE VILA VERDE —

por: José Silva

Meus caros conterrâneos, meus dedicados colegas: Aqui de muito longe, dêste, cantinho Ribatejano, eu quero enviar um abraço a cada um de vós; reconheço que me quereis acompanhar nesta campanha de súplicas.

À medida que se vão sucedendo as assinaturas de mais um canicadense, eu sinto-me feliz, porque é mais um leitor que me vai julgar e fazer justiça às minhas humildes linhas. Além de outros assinantes tive o prazer de ler ultimamente o pedido de assinatura do Sr. António Matias Pereira e Abílio de Vasconcelos; os meus parabéns caros amigos e felicidades nessas preciosas Termas do Gerês. E agora vamos falar um pouco da nossa terra, daquele cantinho que nos viu nascer e serviu de berço; aquilo por lá não vai nada bem, pois não?

Falou-se numa nova Escola!

Quando tem seu início? As pobres crianças irão passar os rigores do inverno próximo, naquele covil... Eu cá nem posso conceber essa ideia.

Mas afinal de quem será a culpa?

Vós sabeis? Caniçada! Povo patriota e Salazarista, cristão e hospitaleiro!

Eu confesso, não compreendo!!!

Medições de terrenos, reuniões da junta satisfações e, ponto final e silêncio. Vamos pedir, rapazes; não é vergonha nenhuma, porque Nosso Senhor também pediu, gritemos bem alto «Caniçada precisa dum edifício Escolar» o que é preciso

para que o mesmo seja erguido?

Falem os responsáveis, respondam os cabeças; se eu fosse muito rico não encomodaria ninguém, assim...

Sòzinho não posso.

Eu conto com vós, haja

bairrismo, tratemos dos problemas da nossa querida terra, é obrigação nossa, se todos compreendessem assim não haveriam desilusões, nem tanta ruína, portanto conto com vós e até breve.

Tancos 31

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

SE... — (I)

Se o mundo não é tão bom como nos parece que poderia ser, que fazemos nós para o melhorar?

Se há crianças orfãs, sem o pão que alimenta e sem a luz que esclarece, que fazemos nós para as amparar?

Se há miséria e sofrimento nos lares ou nos corações de tantos homens, de tantas mulheres e de tantas crianças, que fazemos nós para os consolar?

Se aquele ancião vive sem carinho e sem amor; se esta criança vive sem pai e sem mãe; se aquela mulher escorregou e caiu, que fazemos nós para tentar pelo menos suavizar essas dores?

Se um chefe de família está desempregado, ou doente, ou no hospital ou até no presídio, quem lhe leva o lume reconfortante e libertador da solidariedade humana?

E se o mundo não está ainda cheio de escolas guiadas por professores esclarecidos e bondosos, que fazemos nós para que assim não seja?

E se.....

Se o leitor não vive apenas para a mera existência vegetativa de todos os dias, isto é, se não vive apenas para trabalhar, comer e dormir, se tem um coração generoso e uma alma sensível, já pensou, decerto, nas dores do mundo. É possível porém que se tivesse limitado a encolher os ombros ou a atirar as culpas de todos os males para as largas costas dos outros.

Esses presumíveis culpados seriam então objecto constante da sua crítica. Ora a crítica é na verdade útil, quando é bem intencionada; sem peixão, justa, humana, bondosa, compreensiva, tolerante e calma. Mas a crítica não basta. É preciso que seja secundada pela chama reveladora do exemplo. Critique, pois, se lhe parece acertado, mas levante à sua volta, na sua casa, no seu escritório, no seu estabelecimento, na cadeia, no hospital, na fábrica, na oficina, na escola e até na rua a nota reconfortante da sua ansia de beleza, de paz, de justiça e de amor ao próximo!

Alfredo Soares de Oliveira

No passado dia 31, cerca da meia noite, faleceu inesperadamente na sua residência no Campo da Feira, desta Vila, o nosso assinante Snr. Alfredo Soares de Oliveira, casado, de 36 anos de idade, proprietário da Pastelaria Bar «Vilaverdense»

O extinto que deixou viúva a Snra. D. Rosa da Graça Anhas, era pai da menina Maria da Conceição Anhas de Oliveira e sobrinho do Rev. Padre Alfredo Soares Nogueira, pároco da freguesia de Pico (S. Paio), dêste concelho e do Snr. Capitão Abel António Soares Nogueira, Comandante do Terço Independente da Legião Portuguesa, aquartelado nesta Vila.

À família enlutada apre-

senta a Tribuna Livre, as suas condolências.

Defesa Civil do Território

Com grande afluência, vem funcionando no Salão Paroquial da Igreja Matriz, desta Vila, um Curso de Auxiliares de Postos de Comando, destinado especialmente aos funcionários públicos.

O referido curso é orientado pelo Instrutor Snr. José Maria de Araújo, Sargento do R. I. 8, da cidade de Braga.

Brigada de Inquérito Industrial

Em serviço de inquérito do Instituto Nacional da Estatística, encontra-se neste concelho a 5.ª Brigada de Inquérito Industrial. C.

Festas do Concelho

Santo'António bate à porta,
Vamos a porta lhe abrir...
Traz um menino nos braços
Que vem p'ra nós a sorrir.

Que beleza de menino
É o Menino Jesus,
Nos braços de Sant'António
Aurelado de luz!

Vamos vestir nossas galas,
As melhores que temos n'alma...
Nas festas a Sant'António
Que ninguém nos leve a palma.

Cada vez sejam mais lindas
Estas festas em Amares;
Com sacros hinos, na Igreja,
Cá fóra, honestos folgares.

UERBA

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

Escrever com louvaminhas,
não é minha profissão;
tirar unhas do Leão
para pô-las nas galinhas,
outros o façam, que eu não.

No tempo dos reis primeiros etc.

Sá de Miranda deixa transparecer claramente o espírito da época: tratar de assoalhar cada um o melhor que podia seus avoengos, firmando-os em troncos robustos de Godos e Romanos, em público testemunho de que não havia nas respectivas gerações sangue infecto de judeu ou cristão-novo.

O recente estabelecimento da Inquisição assim o inspirava. Não faltaram as denúncias, as correcções de nobiliários com expurgação de elementos suspeitos — as falsas genealogias com atribuição de illustre ascendência: «tirar unhas no leão para pô-las nas galinhas».

Não era porque a fidalguia e a pretensa nobreza, que sempre a houve, se inquietasse ou receasse das «fogueiras do Santo Offício», o que não queria era perder seu valimento e crédito de pureza do sangue, quando não tê-lo limpo era uma nódoa ignominiosa e deprimente. Para ir à fogueira era preciso cometer crimes e sacrílegos desacatos contra os costumes e contra a Religião como o «daquele «malvado» judeu inglês que calçou a Hóstia aos pés, na presença da família real, e Sá de Miranda igualmente refere, com indignação, noutra passo das suas poesias.

Mas, a poder do tempo e da reacção, sobreveio a revindicta e ateou-se no seio da sociedade a violenta discordia, parecendo que as declamadas labaredas da Inquisição se representaram de novo ao vi-

vo, e com as cores que a literatura quis imprimir-lhe, para atizar a tempestade que tudo ameaçou de morte — derrubar os esteios mais seguros de uma estrutura social que vingara durante tantos séculos. O clero e a nobreza postos no mesmo pé de igualdade para o extermínio. Que loucura; que sintoma de ignorância histórica, quando devia saber-se que, à parte para os crentes o ministério sagrado que garante a perenidade da primeira, instituições que haviam dado tantas provas de suma vitalidade, não morrem!

Um adepto da pura democracia não teve dúvidas em afirmar que «a nobreza é uma realidade histórica; levantou-se como um monumento nacional que a todos merece veneração e respeito.»

D. Frei Amador Arrais de Mendonça, no diálogo sétimo, expande de uma doutrina que é do seu e de todo o tempo: «A nobreza é um tributo perpétuo devido à virtude, que os filhos dos nobres são obrigados a pagar enquanto vivem; por isso não se alcança nascendo, mas vivendo e morrendo.»

Mau preságio, quando os brios e levantadas aspirações se extinguem na mentalidade dos indivíduos ou no seio das famílias e das sociedades. Nobres ou plebeus, conservar e transmitir puro e imaculado o nome que se recebe por herança, um dever, uma rigorosa obrigação moral.

A nobreza é um fenómeno natural; mesmo que morresse, resuscitava como as plantas que florescem em novas primaveras. Não é a árvore um de seus símbolos?

Perservando-se da caducidade de velhos troncos, já hoje não tem vir refrescar-se de nova seiva nos padrões bravos da grei indistinta.

* * *

Postas estas considerações que a propósito se ofereceram, vamos aos Machados:

O primitivo brasão desta família tinha três destes instrumentos cortantes; ao tempo do supradito D. Manuel Machado passou para cinco, segundo o teor das «armas» atrás referidas. Assim é que, neste

(CONTINUA)